

LÉVI-STRAUSS E AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA LINGÜÍSTICA PARA A ANTROPOLOGIA

*Jarbas Couto e Lima**

RESUMO

Este artigo aborda as influências da lingüística sobre a fundação do método estrutural em Antropologia. A partir da análise de autores lingüistas presentes na obra de Lévi-Strauss, apresentam-se os fundamentos teóricos que o permitiram estabelecer a fecunda aproximação entre Antropologia e Lingüística. Discute-se a analogia proposta pelo autor entre cultura e linguagem, bem como a hipótese que toma esta última como condição da primeira. Por último, se procura traçar um paralelo entre o método estrutural na fonologia e na antropologia.

Palavras chave: Lévi-Strauss. Cultura. Linguagem. Método. Lingüística. Antropologia.

Singela homenagem ao centenário de Claude Lévi-Strauss que se comemora em 2008.

1 INTRODUÇÃO

É comum encontrarmos nos contornos do termo *estruturalismo* um conjunto de saberes heterogêneos tomados como pertencentes a um campo comum. Ao ponto de incluir-se nesse mesmo campo setores da Lingüística, da Antropologia, da Psicanálise e até mesmo da Filosofia. A que isso se deve? À aplicação de um método de investigação comum a todos esses campos? Ao uso, em cada setor particular, de conceitos elaborados num lugar teórico comum a todos? Ao uso comum de conceitos elaborados em alguma dessas disciplinas, em particular?

Não é preciso ir muito longe nessas indagações para concluir que o termo estruturalismo recobre uma generalização obscurante. Assim, para que não nos percamos nesse descaminho, demarcaremos nossa abordagem a partir de um ponto de vista específico. Aqui abordaremos o estruturalismo que circunscreve as relações da teoria antropológica de Lévi-Strauss com a Lingüística moderna.

* Doutor em Lingüística e Professor Adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA.

Por outro lado, a atitude de alguns comentadores deste estruturalismo que analisaremos, em geral, tem sido a de considerar que Lévi-Strauss simplesmente faz uso de uma teoria e, sobretudo, de um método já dados como prontos e tomados de empréstimo da Lingüística. Entretanto, nas relações teóricas de Lévi-Strauss com o campo de estudos da linguagem, podemos detalhar duas formas de tratar o problema que difere desse ponto de vista também generalista.

Em primeiro lugar, de fato, encontramos uma reflexão sobre os fundamentos teóricos que o antropólogo francês adota para relacionar cultura e linguagem, obviamente, situada numa real contribuição da Lingüística, ou seja, nas hipóteses extraídas dos fundamentos teóricos da fonologia estrutural. Lévi-Strauss concebe a linguagem como formalmente análoga à cultura. Para ele suas *arquiteturas* são similares. Dessa maneira, supõe encontrar na estrutura dos sistemas fonológicos o “modelo lógico” através do qual o antropólogo pode descobrir a estrutura dos fenômenos da cultura.

Em segundo lugar, ainda que como conseqüência dessa primeira abordagem, ele realiza um percurso teórico que vai além de um enfoque estritamente lingüístico sobre a linguagem e a cultura. Sua principal contribuição, nesse momento, se expressa no privilégio que dá aos fenômenos da cultura enquanto sistemas simbólicos, o que implica num enfoque sobre as especificidades desses sistemas simbólicos analisados enquanto tais, a partir de uma abordagem própria da antropologia.

Queremos ressaltar, neste trabalho, apenas a primeira dessas formas de abordagem de Lévi-Strauss sobre a linguagem. Enfatizaremos, portanto, o fato de que as relações entre linguagem e cultura em Lévi-Strauss estão, principalmente, referidas à relação estabelecida entre a Lingüística e a Antropologia, ou seja, às contribuições teórico-metodológicas da Fonologia para a Antropologia e à comparação de seus respectivos objetos, respectivamente, a língua e a cultura.

A ambição científica de Lévi-Strauss, já bastante evidente à época, se apoiava na crença de que a Lingüística seria capaz de fornecer para a Antropologia um modelo de ciência tão rigoroso quanto o encontrado nas ciências da natureza. Embora a antropologia estrutural não se reduza a esse aporte, faz todo sentido perguntarmos até que ponto as concepções estruturalistas formuladas por Lévi-Strauss se devem à aplicação do método estrutural transportado da fonologia, ciência rigorosa no campo das Ciências Humanas.

Sem dúvida, essa aplicação emerge da hipótese da *analogia* entre linguagem e cultura. Mas a construção dessa hipótese, por sua vez, serve também para Lévi-Strauss conceber a linguagem como *condição* de cultura:

[...] Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar à da linguagem, ambas se edificam por meio de oposições e correlações, isto é, por meio de relações lógicas. Tanto que se pode considerar **a linguagem como um alicerce** destinado a receber as **estruturas** às vezes mais complexas, porém **do mesmo tipo** que as suas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 86, grifos meus).

Segundo o historiador François Dosse, o lugar decisivo da elaboração de uma Antropologia estruturalista é Nova York. É lá que ocorre um encontro entre Lévi-Strauss e seu colega linguísta da New School, Roman Jakobson. Encontro decisivo, segundo Dosse, para o posterior surgimento da Antropologia estrutural: “(...) Jakobson assiste aos cursos de Lévi-Strauss sobre o parentesco e Lévi-Strauss acompanha os cursos de Jakobson sobre som e sentido” (DOSSE, 1993, p. 33). Segundo Dosse, é a conselho de Jakobson, inclusive, que Lévi-Strauss começa a redigir em 1943 sua obra “Les Structures Élémentaires de la Parenté”. Essa obra representará o marco definitivo para o surgimento da Antropologia estrutural.

Há de fato um solidário relacionamento entre lingüistas e antropólogos que permanece vivo durante muitos anos. A preocupação em aprofundar o conhecimento entre linguagem e cultura dá origem a um encontro formal entre as duas áreas em 1952, na Universidade de Indiana, Estados Unidos. Lingüistas e antropólogos realizaram uma conferência¹ com o fim de comparar suas respectivas disciplinas. Em seu pronunciamento, Claude Lévi-Strauss apontou alguns níveis distintivos da relação entre linguagem e cultura que poderiam ser considerados:

1) A relação entre uma língua e uma cultura. Para estudar uma Cultura, será necessário o conhecimento da língua? Em que medida e até que ponto? Inversamente, o conhecimento da língua implica no conhecimento da cultura, ou ao menos de alguns de seus aspectos? (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 85).

2) Quanto à “... relação entre linguagem e cultura em geral” pergunta: “Mas não negligenciamos um pouco este aspecto? Durante as discussões, nunca se considerou o problema posto pela atitude concreta de uma cultura face a sua língua. Para dar um exemplo, nossa civilização trata a linguagem de maneira que poderíamos qualificar de imoderada: falamos continuamente, qualquer pretexto nos serve para nos expressarmos, interrogarmos, comentarmos... Esta maneira de

abusar da linguagem não é universal; nem é mesmo freqüente. A maior parte das culturas que chamamos primitivas usa da linguagem com parcimônia; não se fala quando se quer e sem motivo. As manifestações verbais são aí freqüentemente limitadas a circunstâncias prescritas, fora das quais se poupam as palavras” (LÉVI-STRAUSS,[197?], p. 86).

3) Levanta ainda a seguinte questão: “Um terceiro grupo de problemas recebeu ainda menos atenção. Penso aqui na relação, não mais entre uma língua - ou a própria linguagem - e uma cultura ou a própria cultura - mas entre Lingüística e Antropologia consideradas como Ciências” (LÉVI-STRAUSS,[197?], p. 86).

Esta última questão, considerada capital para Lévi-Strauss, permaneceu, porém, secundária nas discussões da Conferência. Segundo ele, isso se deu em função da própria dificuldade encontrada por lingüistas e antropólogos no tratamento dos problemas concernentes a relação entre linguagem e cultura.

Podemos, todavia, entender a acolhida que Lévi-Strauss dá à Lingüística a partir da sua pretensão em construir, não apenas uma nova forma de relação entre a Antropologia e a Lingüística, mas uma Antropologia rigorosa. Exemplo disso, é a admiração manifesta pelo rigor que os lingüistas alcançaram:

Como para nos pregar uma peça, eis que se põem a trabalhar desta maneira rigorosa da qual nos resignáramos a admitir que as ciências da natureza detivessem o privilégio. Donde, no que nos concerne, um pouco de melancolia e - confessemos-lo - muita inveja. Gostaríamos de aprender dos lingüistas o segredo de seu sucesso. Não poderíamos, nós também, aplicar ao campo complexo de nossos estudos - parentesco, organização social, religião, folclore, arte - esses métodos rigorosos dos quais a Lingüística verifica diariamente a eficácia? (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 87).

Deste modo, enquanto na França, durante todo o século XIX, a Antropologia Física era dominante e adotava o modelo das ciências da natureza, Lévi-Strauss inova ao pretender para a Antropologia cultural um modelo rigoroso retirado do campo das Ciências Humanas. Essa perspectiva o levou à ruptura com o modelo da Antropologia Física comprometida com um conceito de homem² que se reduzia a sua constituição biológica, racial e que, segundo o próprio Lévi-Strauss, seria a base de todo racismo. A razão da opção de Lévi-Strauss pelo modelo científico da

Linguística, mais especificamente da fonologia, se justifica, nesse sentido, por esta se apresentar até então como a única ciência rigorosa capaz de abordar um objeto de natureza simbólica. Além disso, essa abordagem representava uma possibilidade concreta de linguistas e antropólogos aprofundarem a questão da similitude entre os objetos de suas respectivas ciências, a saber, língua e cultura.

2 FUNDAMENTOS DE FONOLOGIA ESTRUTURAL

No conjunto de ensaios produzidos no período de 1945 a 1956 e organizados na seção “Linguagem e Parentesco” de seu “Antropologia Estrutural”, Claude Lévi-Strauss destaca dois momentos históricos da relação entre a Linguística e as Ciências Sociais. O primeiro destes momentos, remonta aos sociólogos do final do século XIX que se debruçavam sobre os problemas do parentesco. Nesses estudos, segundo Lévi-Strauss, era de grande importância a assistência de linguistas e filólogos, fornecendo ao sociólogo etimologias que permitiam estabelecer vínculos entre termos de parentesco. Esses vínculos, segundo Lévi-Strauss, não eram dados de antemão. Até que chegasse o auxílio do linguista, eles eram imperceptíveis ao sociólogo.

Mas tal procedimento, que levava em conta tão somente o aspecto etimológico dos termos, se justificava apenas numa época onde a pesquisa Linguística se apoiava, sobretudo, numa perspectiva do estudo histórico da língua. Para Lévi-Strauss, esse primeiro momento da relação entre a Linguística e as ditas Ciências Sociais se caracterizava pela ausência de esforço no sentido de fazer beneficiar uma disciplina com os progressos metodológicos alcançados pela outra.

Lévi-Strauss assinala que a tarefa comum a linguistas e antropólogos consiste em por fim a todo tipo de isolacionismo. “Esse isolacionismo tão odioso na vida científica quanto na vida política” (JAKOBSON, 1952, p.16). O curioso é que essa preocupação em estabelecer relações mais profundas entre as duas disciplinas se vincule aos princípios teórico-metodológicos do pensamento estruturalista. Segundo esses princípios, não se pode, verdadeiramente, *isolar* os elementos de um sistema, mas tão somente *distingui-los*. Se o processo de análise permite tratá-los separadamente é sempre de maneira artificial. A separação entre os diferentes níveis de análise, formal, semântico, descritivo, histórico, é possível, mas trata-se apenas de um procedimento metodológico que pode ser extensivo à relação entre as diversas ciências.

Assim, o nascimento da Fonologia marcará uma mudança no relacionamento entre a Linguística e as Ciências Sociais, através do seu encontro com a Antropologia, notadamente, através do encontro de Levi-Strauss com Jakobson. Assim, a

Fonologia trará para as ciências sociais uma contribuição inovadora, sobretudo, no aspecto metodológico: “a fonologia não pode deixar de desempenhar, perante as ciências sociais, o mesmo papel renovador, que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 47).

A análise de como este segundo momento da relação entre a Lingüística e as Ciências Sociais se dá no interior das formulações teóricas de Lévi-Strauss nos colocará no curso de uma investigação sobre os fundamentos lingüísticos da Antropologia Estrutural. A princípio nosso trabalho se aterá à análise do conjunto de ensaios de Lévi-Strauss referidos acima e contidos em sua obra “Antropologia Estrutural”. Tomaremos como referência também os textos lingüísticos citados por Lévi-Strauss nesse livro.

Num artigo originalmente publicado no *Journal of the Linguistic Circle of New York*, em agosto de 1945 – reproduzido em “Antropologia Estrutural” sob o título de “A Análise Estrutural em Lingüística e em Antropologia” - o autor nos remete às implicações mais importantes, para a Antropologia, desta *revolução* que representou o a contribuição da Fonologia para as Ciências Sociais. Nesse artigo, Lévi-Strauss lança mão do texto de N. Trubetzkoy “La Phonologie Actuelle”, publicado em Paris em 1933. Segundo ele, esse *artigo programa* da fonologia estrutural explicita os procedimentos fundamentais do método fonológico.

Façamos, então, uma análise cuidadosa do artigo de Trubetzkoy citado por Lévi-Strauss - ao qual tivemos acesso na versão em espanhol com o título de “La Fonologia Actual³” - para melhor entendermos os fundamentos e o método da fonologia estrutural e as condições de possibilidade de sua transposição para a antropologia. Trubetzkoy inicia seu artigo situando, historicamente, quais foram os primeiros lingüistas a se colocarem o problema do estudo das chamadas “oposições fônicas”. O enlace nessa questão faria desses lingüistas os precursores da fonologia estrutural. Dentre eles está J. Winteler (TRUBETSKOY, [197?], p. 15), o primeiro a indicar a necessidade de distinguir dois tipos de oposições fônicas, segundo a capacidade de cada uma delas para expressar ou não diferenças semânticas ou gramaticais.

Outros autores citados por Trubetzkoy ([197?], p. 15), como H. Sweet e seu discípulo O. Jespersen tiveram idéias análogas quanto ao estudo das oposições fônicas, porém estes últimos, assim como Winteler, não souberam retirar de suas luminosas idéias nenhuma conseqüência de ordem metodológica. Sendo esses autores foneticistas, seguiram métodos puramente fonéticos na análise das oposições fônicas, conseqüentemente, concentraram sua atenção, essencialmente, no aspecto sonoro. Segundo Trubetzkoy ([197?], p. 16), nem F. de Saussure, fundador da Lingüística moderna, chegou a uma solução do problema

metodológico que consistisse em encontrar uma alternativa para a análise das oposições fônicas e que não se restringisse a abordá-las pelo aspecto estritamente fisiológico. Para Trubetzkoy ([197?], p.16), ainda que se possa encontrar no *Curso de Lingüística Geral* a distinção entre o *som material* e o *significante incorporal* e que Saussure tenha dado grande importância à fonologia, isso não resolvia o problema metodológico, já que Saussure continuava a propor o uso do mesmo método dos foneticistas para descrever e estudar os fonemas.

Para Trubetzkoy ([197?], p. 16), somente J. Baudoin de Courtenay realiza uma correta distinção entre fonética e fonologia, criando assim as condições para a elaboração de uma metodologia própria da fonologia e uma abordagem metodologicamente adequada das oposições fônicas. Ao proclamar uma diferença precisa entre os *sons da fala* e as *imagens fônicas* que compõem uma língua considerada, Baudoin de Courtenay pode propor a criação da “fisiofonética” que se ocuparia dos sons, e de uma outra ciência que se ocuparia dos fonemas denominada “psicofonética”, visto que estes últimos eram definidos como “o equivalente psíquico do som” (*apud* TRUBETZKOY, [197?], p.16). Com esta definição de fonema, Baudoin de Courtenay cria uma distinção entre o aspecto físico dos sons da fala e o aspecto psíquico dos fonemas, apesar de propor uma equivalência entre eles, reduzindo o fonema a uma imagem do seu correspondente físico, os sons.

Essa distinção, contudo, ainda é considerada insatisfatória por Trubetzkoy. Diferentemente de Courtenay, o príncipe estruturalista vê nos sons tanto o aspecto físico quanto o psíquico, colocando a distinção entre sons da fala e fonema como situada no caráter diferencial deste. Assim, ele remete a solução da questão para a noção saussureana de valor lingüístico:

[...] por una parte, los ‘sonidos’ no constituyen fenómenos físicos, sino psicofísicos por definición (un sonido es ‘un fenómeno físico perceptible por medio del oído’ o bien una ‘impresión auditiva causada por un fenómeno físico’) y, por la otra, **lo que distingue el fonema del sonido no es su carácter puramente psíquico, antes bien su carácter diferencial, lo cual hace de él un valor lingüístico** (TRUBETZKOY, [197?], p. 16, grifo meu).

O trabalho daqueles que se transformaram em precursores da fonologia não foi em vão. Ao se colocarem a questão das oposições fônicas permitiram que S. Karcenwski, R. Jakobson e Trubetzkoy pudessem construir as bases para fundar a fonologia como ciência. Quando estes, juntos, propuseram ao primeiro congresso de lingüistas de Haya um programa para o estudo dos *sistemas fonológicos*, puderam estar cientes de que o terreno já estava preparado. Este programa de estudos des-

pertou o interesse do Círculo Lingüístico de Praga, em cujas publicações surgiram os primeiros trabalhos de fonologia de diferentes autores, dentre eles a importante obra de Jakobson “Remarques sur L’Évolution Phonologique du Russe”²⁴.

Esse parece ser o ponto realmente importante para que possamos situar os avanços teóricos e metodológicos realizados pela fonologia de que nos fala Lévi-Strauss. Como vimos, a diferença entre fonética e fonologia é seguidamente demarcada por Trubetzkoy. É através dessa diferenciação que seu artigo “La Fonologia Actual” começa o adquirir o seu caráter verdadeiramente *programático*.

Com efeito, o procedimento metodológico de caráter estruturalista que diferencia a fonologia da fonética - esta última de natureza atomista - tem como ponto central a concepção de fonema baseada no aspecto diferencial deste, e não simplesmente no aspecto fisiológico dos sons da fala. Isso representa atribuir a certas relações lógicas, em detrimento de qualquer outro aspecto, um papel de grande relevância na definição de fonema. Mas, podemos nos perguntar: que relações são essas?

A tese de Trubetzkoy ([197?], p. 19) de que o fonema constitui-se num *elemento diferencial*, equivale a dizer que o fonema é antes de tudo um *valor lingüístico*, no sentido saussureano. Assim, ele enfatiza o caráter relacional e sistêmico do fonema, pois para Saussure a língua é “um sistema de valores puros” (SAUSSURE, [197?], p. 130). Por outro lado, essa concepção adotada por Trubetzkoy sobre fonema e das relações lógicas que o definem repousam, por sua vez, no princípio saussureano da *arbitrariedade do signo*. Do ponto de vista da língua concebida como sistema, esse princípio esvazia qualquer relação necessária no vínculo interno que une um som a uma idéia. Sabemos que, para Saussure, considerando-se os elementos que entram em jogo na constituição do signo, quais sejam, o *conceito* e a *imagem acústica*, o vínculo que os une é inteiramente arbitrário, ou seja, não há nenhuma relação de motivação na “escolha” de um pelo outro. Uma vez que estes elementos constituintes do signo são ambos de natureza psíquica e dada essa combinação (conceito/imagem acústica) produzir apenas *forma* e não substância, a principal conseqüência é que os valores lingüísticos tornam-se inteiramente dependente de *relações*.

Disso decorre também que o valor atribuído ao signo lingüístico torna-se inteiramente dependente da noção de *sistema*. Assim sendo, é justificado que o procedimento analítico do lingüista deva partir do *sistema* para obter os elementos que o constituem, como quer a fonologia de Trubetzkoy. Segundo Saussure, o *sistema lingüístico* é uma *totalidade solidária*, o que faz com que o valor de um termo lingüístico seja definido apenas pela presença simultânea de outros.

Os valores são [...] puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é a de ser o que os outros não são (SAUSSURE, [197?], p. 136).

Com efeito, o modo como Trubetzkoy trata o fonema, como um elemento diferencial é, portanto, uma forma de aplicar a teoria do valor lingüístico saussureana ao estudo dos fonemas. Ao transportar o modelo teórico saussureano da língua para sua aplicação no estudo do fonema, Trubetzkoy acompanhado de Jakobson e Karcewski propõem para a fonologia uma metodologia que toma como ponto de partida o *sistema*. Só partindo desta *totalidade solidária* se poderá apreender sua estrutura. Um determinado elemento de um sistema somente poderá ser definido, se tomado em sua relação diferencial com os demais elementos. Desta forma é que a fonologia defendida por Trubetzkoy é definida como *estruturalista por natureza*, o que significa que enfoca primordialmente o sistema como um todo para, a partir daí, encontrar sua estrutura.

Isso, contudo, não basta para fazer da fonologia uma “ciência piloto”. Para tanto, algo de novo precisaria acontecer. O aprofundamento no estudo das *oposições fônicas* leva Trubetzkoy e os demais fonólogos do Círculo Lingüístico de Praga à elaboração de uma definição de *oposição fônica* apresentada no “Projeto de Terminologia Fonológica Standardizada” (Ver: “Trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga”, v. IV). No sentido definido no *Projeto*, uma *oposição fônica* é uma diferença fônica suscetível de ser em ampla medida útil para diferenciar as significações intelectuais de uma língua determinada.

Trubetzkoy ([196?], p. 21) concebe as *oposições fônicas* como relações lógicas. Portanto, as diferencia em dois tipos: as *correlações* e as *disjunções*. A *correlação* é considerada uma propriedade que consiste na *oposição* entre a presença e ausência de uma *qualidade fonológica* que distingue vários pares de fonemas. Como, por exemplo, em português, a oposição entre a presença e ausência de sonoridade que distingue os pares de fonemas *b: p, d: t*. Por outro lado, a propriedade da *disjunção* ocorre quando duas - ou mais - unidades fonológicas pertencentes ao mesmo sistema se opõem uma à outra sem formar entre si um par de *correlações*, como, por exemplo, [p] e [s]. Além disso, Trubetzkoy define a presença de uma qualidade fonológica numa correlação como *série marcada* e sua ausência como *série não-marcada*. Por último, denomina de *feixes de correlação* à faculdade que certas correlações possuem de combinarem-se entre si.

Não podemos, portanto, perder de vista que a concepção estruturalista das

oposições fônicas se constitui e se reafirma a partir do caráter relacional do fonema. Posto isso, chegamos ao ponto de articulação da teoria do valor saussureana com a noção de *oposição fônica*, contido na afirmação de Trubetzkoy de que “una cualidad fonológica sólo existe como término de una oposición fonológica” (TRUBETZKOY, [197?], p. 24). Dado que uma qualidade fonológica é um dos termos de uma oposição dentro de um sistema fonológico, esta qualidade fonológica terá o seu valor lingüístico estipulado na oposição em relação aos outros termos do sistema⁵. Assim, o valor lingüístico de um fonema é definido pela diferença em relação ao seu oposto e em relação aos demais elementos do sistema. Isso cria, segundo Trubetzkoy, a necessidade de se estudar *regras* de emprego dos fonemas, bem como as condições de valor de uma oposição dada e as combinações de fonemas admitidos numa língua dada. O estudo dessas regras se tornará, propriamente, o objeto de estudo da fonologia moderna. Não obstante, deixaremos essa questão de lado para retornarmos ao tema central de nosso trabalho, a saber, a questão da aplicação dos princípios fundamentais do método fonológico para os estudos dos fenômenos da cultura.

3 O MÉTODO ESTRUTURAL EM ANTROPOLOGIA

Podemos agora, a partir dessa breve apresentação dos fundamentos da fonologia estrutural, ressaltar aqueles pontos apresentados por Trubetzkoy que consideramos importantes para Lévi-Strauss em sua transposição do método estrutural para o estudo dos fenômenos da cultura:

- a) levar em conta o *caráter concreto do objeto* de estudo:

Pero lo que sobretudo importa es que esa teoría se apoya sobre una masa de hechos concretos y la circunstancia de que toda ella ha nacido de los trabajos sobre problemas concretos de la fonología de la más distintas lenguas. La fonología actual no se limita a declarar que los fonemas son siempre miembros de un sistema, sino que **muestra** sistemas fonológicos concretos poniendo en evidencia su estructura.” (TRUBETZKOY, [197?], p. 27, grifo meu).

- b) investigar as *leis fonológicas válidas para todas* as línguas:

...aplicando los principios de la fonología a muchas lenguas enteramente diferentes, con el fin de poner en evidencia sus sistemas fonológicos, y estudiando la estructura de esos sistemas, no se tarda en advertir que ciertas combinaciones de correlaciones pueden ser halladas en las más diversas lenguas,

en tanto que otras no existen en ninguna parte. Trata-se aquí de leyes de la estructura de los sistemas fonológicos. Aun cuando se las obtiene por pura inducción empírica, tales leyes se dejan a veces deducir lógicamente, lo cual les otorga un carácter absoluto (TRUBETZKOY, [197?], p. 27).

c) o *estudo comparado*:

La investigación de leyes fonológicas generales supone el estudio comparado de los sistemas fonológicos de todas las lenguas del mundo, con exclusión de sus relaciones genéticas (TRUBETZKOY, [197?], p. 28).

d) o estruturalismo e universalismo sistemático da fonologia.

Com essas pontuações, consideramos a incursão que realizamos até aqui no artigo de Trubetzkoy suficiente para uma primeira apresentação dos fundamentos teóricos da fonologia estrutural. Vejamos agora a questão da aplicação do método estrutural da fonologia ao estudo dos objetos da Antropologia. Como já dissemos, Lévi-Strauss supõe uma homologia entre as estruturas dos fenômenos culturais e a língua. Daí resulta seu interesse na aplicação do método fonológico no estudo dos fenômenos culturais. No que se refere aos estudos de parentesco, por exemplo, ele considera essa transposição bastante evidente:

No estudo dos problemas de parentesco (e sem dúvida também no estudo de outros problemas), o sociólogo se vê numa **situação formalmente semelhante** à do lingüista fonólogo: **como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação**; como eles, só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas; os ‘sistemas de parentesco’, como os ‘sistemas fonológicos’, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente; enfim a recorrência, em regiões afastadas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento, atitudes identicamente prescritas entre certos tipos de parentes etc. faz crer que, em ambos os casos, **os fenômenos observados resultam do jogo de leis gerais mais ocultas (...) numa outra ordem de realidade**, os fenômenos de parentesco são fenômenos de mesmo tipo que os fenômenos lingüísticos (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 49, grifos meus).

Lévi-Strauss demonstra nos estudos do parentesco uma tendência, já existente no pensamento antropológico, a passar de uma interpretação *atomista* para

uma abordagem *estruturalista*. Segundo Lévi-Strauss, os estudos sobre o parentesco estavam, sobretudo com Rivers (*apud* LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 55) - para quem, por exemplo, o casamento entre primos cruzados na Índia era subproduto da organização dualista lá existente -, inteiramente, submetidos a uma abordagem *diacrônica* e *atomista*, à semelhança da abordagem da lingüística histórica pré-sausureana. Nesses estudos, os fatos de parentesco eram tratados de maneira isolada, “cada detalhe de terminologia, cada regra especial de casamento é ligada a um costume diferente, como uma conseqüência ou vestígio: cai-se num excesso de descontinuidade” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 50).

Este “excesso de descontinuidade”, segundo Lévi-Strauss, resulta em pouca capacidade explicativa e ignora ou generaliza uma série de fenômenos. Para Lévi-Strauss o casamento entre primos cruzados - entre o filho(a) de um irmão da mãe, ou filho(a) de uma irmã do pai de um indivíduo e este indivíduo - antes de ser conseqüência ou vestígio de um costume isolado, é um caso privilegiado no qual coexistem dois aspectos de um mesmo princípio geral da organização social, o *princípio da reciprocidade*. Através deste, se realiza, numa sociedade, “a passagem da hostilidade à aliança, da angústia à confiança, do medo à amizade” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 107). O *princípio da reciprocidade*, segundo Lévi-Strauss, age de duas maneiras diferentes e complementares:

... ou pela constituição de classe que delimita automaticamente o grupo dos cônjuges possíveis ou pela determinação de uma relação, ou de um conjunto de relações que permitem dizer em cada caso se o cônjuge considerado é desejável ou excluído. Os dois critérios são dados simultaneamente, mas sua importância relativa varia (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 107).

No caso dos primos cruzados, portanto, os dois aspectos do princípio de reciprocidade coexistem e têm a mesma importância relativa. Com isso, Lévi-Strauss ressalta as características de anterioridade e generalidade da noção de sistema para o entendimento dos fenômenos do parentesco, diferentemente do modo como Rivers (*apud* LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 55) vinha tratando o fenômeno do parentesco, como uma união diferencial explicada por um causa única⁶. Lévi-Strauss sustenta a tese de que, embora cada um dos possíveis *traços* do fenômeno do parentesco tenha sua própria história - como no caso do casamento entre primos cruzados, a união preferencial com a filha do tio materno - e esta história possa ser diferente para cada um dos grupos onde o *traço* apareceu, eles não são isolados e independentes um dos outros:

Cada qual aparece, ao contrário, como uma variação sobre um tema fundamental, como uma modalidade especial que se desenha sobre um pano de fundo comum, e é unicamente aquilo que há de individual em cada qual que pode ser explicado por causas particulares ou área cultural considerada (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 164).

Essa concepção, segundo o fundador da Antropologia estrutural, legitima uma abordagem que passe a considerar os sistemas de parentesco em seu “conjunto sincrônico”. Isto levaria o antropólogo a tratar os *atos do parentesco* do mesmo modo que o fonólogo trata os fonemas, ou seja, a partir do sistema que os constituem. A partir daí, é possível encontrar a *estrutura global do parentesco* refletida em cada um dos sistemas.

Entretanto, para que os elementos de parentesco sejam comparados aos fonemas é necessário, segundo Lévi-Strauss, uma definição mais acurada dos próprios sistemas de parentesco. Para Lévi-Strauss, o que se denomina comumente sistema de parentesco recobre duas ordens diferentes de realidades: a primeira é constituída pelos *termos* do parentesco, ou seja, as palavras que servem para exprimir diferentes tipos de relações familiares. Por exemplo: pai, mãe, tio, primo etc. Entretanto, o fenômeno do parentesco não se resume a esta nomenclatura, que comporia o que é denominado por Lévi-Strauss como *sistema terminológico*, ou seja, uma espécie de léxico, onde os termos têm sua significação dada de forma isolada, sem considerar sua posição no sistema tomado como um todo. Assim, ficar preso à análise do *sistema terminológico* seria, segundo ele, semelhante a adotar uma posição atomista. Numa outra ordem de realidade, à qual somente se teria acesso por uma aplicação do método estrutural, está o *sistema de atitudes*, através do qual, indivíduos ou grupos de indivíduos “se sentem - ou não se sentem, conforme o caso - obrigados uns em relação aos outros a uma conduta determinada: respeito ou familiaridade, direito ou dever, afeição ou hostilidade” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 53). Para Lévi-Strauss, a *analogia* dos sistemas de parentesco com os sistemas fonológicos é válida apenas quando o antropólogo leva em conta os primeiros como sendo sistemas de atitudes. Neste caso, cada elemento do parentesco, assim como o fonema, é definido por sua relação com os demais elementos do sistema.

Segundo Lévi-Strauss, noutro caso clássico dos estudos do parentesco, o problema do Tio Materno, ou *avunculado* a concepção de Radcliffe Brown (*apud* LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 57) se aproxima da sua. Radcliffe Brown indica aí a existência de *um sistema de atitudes antitéticas*. Conforme Lévi-Strauss, um par de oposições, no caso do problema do tio materno, é visto por

Radcliffe Brown (idem) da seguinte forma:

Segundo Radcliffe Brown, o termo avunculado recobre dois sistemas de atitudes antitéticas: num caso, o tio materno representa a autoridade familiar; ele é temido, respeitado, obedecido e possui direitos sobre seu sobrinho, no outro, é o sobrinho que exerce privilégios de familiaridade em relação a seu tio, e pode tratá-lo mais ou menos como vítima. Em segundo lugar existe uma correlação face ao tio materno e a atitude com relação ao pai. Em ambos os casos encontramos os mesmos dois sistemas de atitudes, mas invertidos: nos grupos onde a relação entre pai e filho é familiar, a relação entre tio e sobrinho é rigorosa; e lá onde o pai aparece como o austero depositário da autoridade familiar, é o tio que é tratado com liberdade (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 57).

A objeção que Lévi-Strauss apresenta para a interpretação que Radcliffe-Brown faz do *avunculado* é a de que, para este, o sentido dessas oposições é determinado pelo *regime de filiação*. Assim, no regime patrilinear, onde o pai representa a autoridade, a relação entre tio materno e sobrinho é, digamos, afável. Inversamente, no regime *matrilinear*, o tio materno encarna a autoridade e tem relações rigorosas com o sobrinho. Para Lévi-Strauss é possível outra interpretação na qual se adote como princípio que a relação avuncular não se dá entre dois termos apenas - tio materno/sobrinho - “mas a quatro termos: ela supõe um irmão, uma irmã, um cunhado e o sobrinho”. Além disso, essa concepção estaria de acordo com o *sistema* concebido como uma totalidade, no qual “se acham presentes quatro tipos de relações organicamente ligadas, a saber: irmão/irmã, marido/mulher, pai /filho, tio mat./filho da irmã.” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 61)

Lévi-Strauss analisa o problema do parentesco em diversas sociedades e chega a duas conclusões fundamentais: primeiro, que os problemas do parentesco devem ser tratados como relações internas ao sistema. Segundo, que, ao se considerar o *sistema global*, observa-se que nele ocorre a mesma relação fundamental entre os quatro pares de oposição que são necessários a sua formação. Isso induz o fundador da Antropologia estrutural a formular uma *lei*, válida para qualquer sistema de parentesco considerado, segundo a qual “a relação entre o tio materno e o sobrinho está para a relação entre irmão e irmã, como a relação entre pai e filho está para a relação entre marido e mulher. Desde que um par de relações seja conhecido, será possível deduzir o outro” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 59).

A partir dessa lei, Lévi-Strauss chegaria à estrutura mais simples do pa-

rentesco, que ele chama de “átomo de parentesco”:

Esta estrutura está fundada, ela própria, sobre quatro termos (irmão, irmã, pai, filho) unidos entre si por dois pares de oposições correlativas e tais que, em cada uma das duas gerações em causa, existe sempre uma relação positiva e uma negativa. (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 64).

Este procedimento metodológico de Lévi-Strauss representa um golpe na concepção atomista e naturalista do parentesco, as relações do parentesco não serão mais definidas por vínculos de filiação ou consangüinidade, simplesmente. O que Lévi-Strauss adota como ponto de partida não é mais a família biológica, mas o próprio sistema de parentesco tomado como sistema simbólico: “o que é verdadeiramente elementar não são as famílias, termos isolados, mas a relação entre estes termos” (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 69).

Estas considerações a respeito dos estudos de parentesco representam, na prática, a aplicação do método estrutural da fonologia pela antropologia estrutural. Pressupõe os mesmos procedimentos fundamentais indicados na análise estrutural dos sistemas fonológicos:

1) É aplicado na análise de um problema cuja concretude reside no estudo realizado por Lévi-Strauss sobre a organização social de várias *sociedades concretas*: os indígenas das ilhas Trobriands, na Oceania, dos Tcherkesses, no Cáucaso etc., das quais o autor procura *mostrar os sistemas de parentesco concretos*.

2) Apresenta a possibilidade, às vezes por indução empírica, outras por dedução lógica, de analisar as estruturas de diferentes sistemas de parentesco e propor a *existência de leis universais*.

3) Tais leis são obtidas por um *estudo comparado dos sistemas* de parentesco em várias sociedades do mundo. Assim como a fonologia faz com as diferentes línguas.

4) O *estruturalismo e o universalismo sistemático* de sua Antropologia. A tese fundamental de sua antropologia é a de que os sistemas de parentesco, assim como os sistemas fonológicos, são formados a partir de relações internas e que compõem sua estrutura. A busca de invariantes universais dessas relações em cada sistema é uma característica comum aos estruturalistas e se sustenta teoricamente nas descobertas de Jakobson sobre as regularidades encontradas nos sistemas fonológicos.

Sob esse aspecto, parece-nos que o problema da Lingüística estrutural é semelhante ao da Antropologia estrutural, isto é, a definição de princípios de classificação. Assim, do ponto de vista das ciências humanas, a análise estrutu-

ral de fato, representa um avanço. Com o método estrutural, ultrapassa-se o modelo de classificação genética, a busca de uma origem comum, de um protótipo, para os diferentes sistemas culturais ou lingüísticos. Refutam-se os critérios classificatórios de natureza histórica como os únicos capazes de explicitar as relações de similitude supostas existentes nos fenômenos. Para os estruturalistas, as congruências entre as culturas, assim como entre as línguas não se dão por um parentesco exclusivamente genético “O parentesco de estrutura pode resultar de uma origem comum; pode igualmente provir de desenvolvimentos realizados independentemente por várias línguas, mesmo fora de qualquer relação genética” (BENVENISTE, 1988, p. 116).

Esse problema de caráter classificatório é, por conseguinte, um problema também de distinção entre filiação e afinidade. Esta distinção só se torna possível para as ciências humanas com o surgimento desse novo método classificatório que se baseia na análise de processos lógicos concebidos como estruturas. A partir daí, é possível supor analogias entre as estruturas e reconhecer, na comparação feita entre elas, leis de transformação que permitem passar de uma estrutura a outra.

Daí a importância do método estrutural para que se possa conduzir a análise dos diversos aspectos da vida social a um nível mais profundo. Esse avanço teórico Lévi-Strauss leva às últimas conseqüências e desemboca no ideal da elaboração de um código universal aplicável a qualquer ordem de estrutura. O procedimento do antropólogo, neste caso, seria o de mostrar:

uma espécie de código universal, capaz de exprimir as propriedades comuns às estruturas específicas provenientes da cada aspecto. O emprego deste código deverá ser legítimo para cada sistema tomado isoladamente e para todos, quando se trata de compará-los. Estaremos assim em posição de saber se atingimos ou não sua natureza mais profunda e se coexistem ou não em realidades do mesmo tipo (LÉVI-STRAUSS, [197?], p. 79).

Admitir homologias entre as estruturas dos sistemas lingüísticos e dos demais fenômenos culturais, não significa, todavia, reduzir a sociedade à língua. Ainda que se possa, a partir daí, tomar a linguagem como *condição* da cultura. Se considerarmos o alcance dessa hipótese, veremos que isso não é pouco. Ela adquire todo o seu valor por permitir estabelecer, teoricamente, um estatuto simbólico para os fenômenos culturais. Com ela, Lévi-Strauss dá um passo definitivo na direção a uma concepção do social que só pode fazer-se por meio do orgânico, mas ao preço de transformações simbólicas fundamentais que reestruture o funcionamento deste.

ABSTRACT

This article approaches the linguistic influences on the foundation of the structural method in Anthropology. Based on an analysis of the authors cited on Lévi-Strauss' work, the theoretical bases that allowed him to establish the rich approximation between Anthropology and Linguistics are presented. The analogy proposed by the author between culture and language is discussed, as well as the hypothesis that takes the latter as a condition for the former to exist. At last, a parallel between the structural method in Phonology and in Anthropology is searched.

Keywords: Lévi-Strauss. Culture. Language. Method. Linguistics. Anthropology.

NOTAS

1 Nesta conferência Roman Jakobson apresentou um informe final intitulado “A Linguagem Comum dos Lingüistas e dos Antropólogos”, posteriormente publicado no *Suplemento do Int. Journal of American Linguistics*, XIX, Nº 2, abril, 1953. Tradução brasileira de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. Em: *Lingüística e Comunicação*, Cultrix, São Paulo, ed. bras. s.d.

2 F. Saussure, fundador da lingüística moderna, por exemplo, tomou o conceito do homem construído a partir dos estatutos da física e da biologia como fator de diferenciação entre Antropologia (física) e a Lingüística. Uma vez que só chegou a conhecer a Antropologia como Antropologia física, para o renomado lingüista, era a perspectiva desta última sobre o homem que permitia estabelecer uma distinção precisa com a lingüística. A diferença residia, segundo ele, no fato de que a Antropologia “(...) estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social” (SAUSSURE [1916] ed. bras. [197?], p. 14).

3 As citações em português que fazemos deste artigo foram traduções nossas.

4 Este estudo também é citado no artigo de Lévi-Strauss *A Análise Estrutural em Lingüística e em Antropologia*, para discutir o problema de situar o estágio dos estudos de parentesco em relação aos estudos lingüísticos na véspera da “revolução fonológica”.

5 É importante notar, entretanto, que, como nos alerta Benveniste, Saussure jamais empregou a palavra *estrutura*. A palavra empregada pelo mestre genebrino e cuja noção é considerada essencial em sua teoria e a de *sistema*. “A noção de língua como sistema havia muito que era admitida pelos que haviam recebido o ensinamento de Saussure, primeiro em gramática comparada, depois em Lingüística Geral. Se se acrescentam estes dois outros princípios, igualmente saussureanos, de que a língua é forma, não substância e de que as unidades da língua não podem definir-se a não ser por suas relações, indicam-se os fundamentos da doutrina que iria, alguns anos mais tarde, por em evidência a estrutura dos sistemas lingüísticos” (BENVENISTE, 1988, p. 100).

6 Rivers explica o casamento entre primos cruzados, nas ilhas Bank, como união preferencial com a filha do tio materno como um privilégio matrimonial em relação às moças do grupo transmitido ao filho da irmã pelo irmão da mãe.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes, 1988.
- _____. **O vocabulário das instituições indo-européias**. Campinas: Unicamp, 1995. 2 v. (Coleção Repertórios).
- BONOMI, Andréa. **Fenomenologia e estruturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- COELHO, Eduardo Prado (Seleção e Introdução). **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugália, 1968.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo**. v. 1: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio, Campinas: Edusp, 1993.
- DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e lingüística**. São Paulo, Cultrix. ed. bras. s/d.
- _____; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- EVANS-PRITCHARD, E.E.. **História do pensamento antropológico**. Lisboa: Edições Setenta.
- FOUCAULT, Michel, et al. **Estruturalismo e teoria da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- HJELMSLEV, L.. **Prolegomena to a theory of language**. Indiana: University Publications in Anthropology and Linguistics, 1953.
- JAKOBSON, Roman. **Selected writings**, Contributions to comparative mythology studies in linguistics and philology, 1972-1982. New York: Mouton Publishers, 1985.
- _____. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____; M. Halle. **Fundamentals of language**. S'Gravenhage, 1956.
- LÉPINE, Claude. **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**. São Paulo: Ática, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [197?].
- _____. **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: USP, 1976.
- _____. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Totemismo hoje**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (coleção: "Os Pensadores").
- _____. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- _____. **A noção de estrutura em etnologia**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974, 2 v.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, ed. bras. [197?].
- TRUBETZKOY, N, E; et al. **Fonologia y morfologia**. Buenos Aires: Paidós, ed. bras. [197?].